

As manifestações e o mito da “maioria putiniana”

Em 26 de Março, ocorreram manifestações em quase todas as grandes cidades da Rússia e, em numerosas ocasiões, foram severamente reprimidas pela polícia.

Estas ações têm sido as mais importantes que a oposição tem realizado desde 2011-2012 (após as fraudes que mancharam as eleições legislativas). No entanto, o processo atual é muito diferente dos acontecimentos de há cinco anos, tanto em termos de exigências políticas como em termos da composição das pessoas envolvidas. Desta vez, o foco já não está nas liberdades democráticas ou em eleições livres, mas na raiva contra a corrupção governamental e as desigualdades sociais escandalosas. Foi o filme produzido pelo grupo populista liberal Alexei Navalny que esteve na origem das manifestações. O vídeo, que trata da imensa fortuna obtida desonestamente pelo Primeiro-Ministro Dmitri Medvedev, recolheu nada menos do que treze milhões de visitas no Youtube em poucos dias, sem que as autoridades o considerem digno de qualquer comentário. Navalny chamou todos os que querem ouvir explicações para ir à rua.

Aumento do descontentamento

Na maioria das cidades, as autoridades se recusaram a autorizar concentrações, alertando que estavam dispostas a dispersá-las pela força. Como resultado, as ações resultaram em espancamentos e detenções brutais (por exemplo, só em 26 de Março, em Moscou, foram detidas mais de 1000 pessoas). O próprio Navalny terá de passar as próximas duas semanas na prisão com alguns dos seus associados.

O grande número de participantes, muitas vezes em idade escolar, é a primeira particularidade dos eventos. Essa figura

tem sido objeto de especulação na mídia pró-governo sobre uma suposta “rebelião juvenil” e um “envolvimento criminoso dos muito jovens na política”. No entanto, seria errado descrever os acontecimentos como manifestações de jovens: de fato, todas as gerações estavam representadas. O segundo fator novo é a politização das regiões do interior do país, anteriormente considerada como um terreno fértil para orientações conservadoras e pró-governamentais. Milhares de pessoas se organizaram para tomar as ruas em cidades onde não houve manifestações antes. Se no passado Moscou e São Petersburgo contrastaram na sua atividade política com o resto do país, hoje a situação mudou.

As razões da cólera

Estas manifestações anti-corrupção têm lugar num contexto de agravamento da crise econômica, de crescente descontentamento com a deterioração do nível de vida e de cortes nos orçamentos sociais. A política anti-social seguida pelas autoridades nos últimos dois anos é acompanhada de uma retórica “vitimizadora”: todos devem apertar o cinto do patriotismo, enquanto a Rússia liderada por Putin luta por sua grandeza internacional contra a hegemonia ocidental. Qualquer crítica ao poder é percebida como o produto de uma trama estrangeira que visa desenvolver um “roteiro ucraniano Maidan / Primavera Árabe” na Rússia...

Esta propaganda que mistura patriotismo e teoria da trama é acompanhada por uma drástica política de austeridade. A maioria da população é a sua principal vítima, enquanto que o fino círculo de bilionários próximos de Putin continua a enriquecer-se, principalmente através de fornecimentos públicos e da assistência aos bancos. Recentemente, as grandes empresas sujeitas a sanções ocidentais foram parcialmente isentas de impostos.

A introdução de taxas de pedágio para os condutores de caminhões pesados também causou descontentamento. O dinheiro,

pago com o dinheiro dos próprios motoristas, é indiretamente transferido para o orçamento através de um operador privado (cujo proprietário é o amigo de infância de Putin, Arkadi Rotenbert). Em 27 de Março, o sindicato dos caminhoneiros lançou uma greve nacional que continua até hoje. Em todo o país, milhares de veículos bloqueiam as auto-estradas sem qualquer informação sobre a sua transmissão nos principais meios de comunicação social, todos controlados pelo governo.

O mito se desmorona

A intensificação da ira social e política faz-se sentir a um ano das eleições presidenciais de Março de 2018. De acordo com o plano do Kremlin, estas eleições deveriam tornar-se um plebiscito para Putin, o grande líder nacional para quem não há alternativa.

O resto dos candidatos, em particular o grupo pré-designado de palhaços políticos que há muito cansam todos – do tipo Vladimir Khirinovsky – não suscitam qualquer confiança. Hoje, porém, é evidente que não será fácil levar a cabo o guião preparado pelo Kremlin. O Kremlin terá de permitir que os verdadeiros candidatos da oposição (em primeiro lugar, a Navalny) se mantenham, ou terá de se envolver num caminho ainda mais difícil. Em todo caso, o que as manifestações de 26 de março mostraram é que o “consenso patriótico” que reuniria a maioria da sociedade russa em torno de Putin e seu regime é um mito que logo se tornará parte do passado.

Original: [Viento Sur](#)